

## RESUMO DA OBRA: A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Autor: Stuart Hall.

### 1. A IDENTIDADE EM QUESTÃO

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.

O propósito do livro é explorar algumas das questões sobre identidade cultural na modernidade tardia e avaliar: **a)** Se existe uma crise de identidade; **b)** Em que consiste essa crise; **c)** Em que direção ela está indo. Engloba questões, conceitos, contextos, formas e consequências potenciais dessa crise, considerando o conceito de identidade complexo e ainda pouco explorado.

Os teóricos que crêem no colapso da identidade moderna entendem-na pelas mudanças que ocorrem em todos os âmbitos, gerando-se abalo e deslocamentos na concepção e função do sujeito, diferenciando-o de sua visão estável anterior.

### TRES CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

a) **Sujeito do iluminismo:** O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, (usualmente descrita como masculino).

b) **Sujeito sociológico:** o ser entendido na interação entre o eu e a sociedade, formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais.

c) **Sujeito Pós-Moderno:** fruto do fluxo dialógico do sujeito sociológico, ele é caracterizado por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades em si e no meio externo.

### O CARÁTER DA MUDANÇA NA MODERNIDADE TARDIA

Hoje é marcada pela “globalização”, caracterizada pelo que Marx já havia preconizado: verdadeira revolução nos modos e meios de produção. Desmanche das relações tradicionais.

A marca da modernidade é a mudança constante, rápida e permanente. Diferente das sociedades tradicionais em que “o passado é venerado e os símbolos valorizados (...)” segundo Anthony Giddens. As descontinuidades, as desestruturas, as instabilidades, as fragmentações e rupturas fazem o impacto da mudança contemporânea, conhecida como “globalização.”

### O que está em jogo na questão das identidades?

É tomado como exemplo o caso do juiz Clarence Thomas, um negro americano politicamente conservador. O mesmo vive várias experiências, as quais atacam sobre ele divisão de opiniões, hora com base na política, hora por causa de sua cor, e numa dada acusação de âmbito sexual, com base na filosofia das feministas. Com isso pode-se inferir uma mudança de identidades de conformidade com: a interpelação ou representação do sujeito; pela política, pela cultura ou condição social. Segue-se então:

I) A mudança no conceito de identidade: do sujeito do iluminismo, para o sujeito sociológico até o pós-moderno.

II) Identidade cultural moderna – formada pelo sentimento de pertencimento a uma cultura nacional caracterizada pelo deslocamento que a globalização provoca.

### 2. NASCIMENTO E MORTE DO SUJEITO MODERNO

O “sujeito humano” pode ser visto através de três estágios de mudanças conforme alguns teóricos: **1)** Centrado nos discursos e prática que moldaram as sociedades modernas; **2)** Sociológico ou interativo; **3)** Descentrado na modernidade tardia.

O foco principal desse capítulo é conceitual, centrando-se em concepções mutantes do sujeito humano visto como uma figura discursiva, cuja forma e identidade eram pressupostos pelos discursos e processos da modernidade.

Não se trata apenas de dizer que a identidade do sujeito moderno assumiu um deslocamento do seu apego à estrutura tradicional religiosa, à concepção humano-renascentista de ser soberano (Sec. XVI a XVIII).

Raymond Williams observa que a história moderna do sujeito recue dois significados distintos: **1\*) Ele é indivisível** – unificado no seu próprio interior. **2\*) Ele é singular** – distintivo – único.

A reforma protestante, o humanismo renascentista, as revoluções científicas e o iluminismo, contribuíram para essa nova concepção.

---

## RESUMO DA OBRA: A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Autor: Stuart Hall.

1. A IDENTIDADE EM QUESTÃO Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.

O propósito do livro é explorar algumas das questões sobre identidade cultural na modernidade tardia e avaliar: a) Se existe uma crise de identidade; b) Em que consiste essa crise; c) Em que direção ela está indo. Engloba questões, conceitos, contextos, formas e conseqüências potenciais dessa crise, considerando o conceito de identidade complexo e ainda pouco explorado.

Os teóricos que crêem no colapso da identidade moderna entendem-na pelas mudanças que ocorrem em todos os âmbitos, gerando-se abalo e deslocamentos na concepção e função do sujeito, diferenciando-o de sua visão estável anterior.

TRES CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE a) Sujeito do iluminismo: O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, (usualmente descrita como masculino).

b) Sujeito sociológico: o ser entendido na interação entre o eu e a sociedade, formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais.

c) Sujeito Pós-Moderno: fruto do fluxo dialógico do sujeito sociológico, ele é caracterizado por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades em si e no meio externo.

O CARÁTER DA MUDANÇA NA MODERNIDADE TARDIA Hoje é marcada pela “globalização”, caracterizada pelo que Marx já havia preconizado: verdadeira revolução nos modos e meios de produção. Desmanche das relações tradicionais.

A marca da modernidade é a mudança constante, rápida e permanente. Diferente das sociedades tradicionais em que “o passado é venerado e os símbolos valorizados (...)” segundo Anthony Giddens. As descontinuidades, as desestruturas, as instabilidades, as fragmentações e rupturas fazem o impacto da mudança contemporânea, conhecida como “globalização.”

O que está em jogo na questão das identidades? É tomado como exemplo o caso do juiz Clarence Thomas, um negro americano politicamente conservador. O mesmo vive várias experiências, as quais atraem sobre ele divisão de opiniões, hora com base na política, hora por causa de sua cor, e numa dada acusação de âmbito sexual, com base na filosofia das feministas. Com isso pode-se inferir uma mudança de identidades de conformidade com: a interpelação ou representação do sujeito; pela política, pela cultura ou condição social. Segue-se então:

I) A mudança no conceito de identidade: do sujeito do iluminismo, para o sujeito sociológico até o pós-moderno.

II) Identidade cultural moderna – formada pelo sentimento de pertencimento a uma

cultura nacional caracterizada pelo deslocamento que a globalização provoca.

## **2. NASCIMENTO E MORTE DO SUJEITO MODERNO**

O “sujeito humano” pode ser visto através de três estágios de mudanças conforme alguns teóricos: 1) Centrado nos discursos e prática que moldaram as sociedades modernas; 2) Sociológico ou interativo; 3) Descentrado na modernidade tardia.

O foco principal desse capítulo é conceitual, centrando-se em concepções mutantes do sujeito humano visto como uma figura discursiva, cuja forma e identidade eram pressupostos pelos discursos e processos da modernidade.

Não se trata apenas de dizer que a identidade do sujeito moderno assumiu um deslocamento do seu apego à estrutura tradicional religiosa, à concepção humano-renascentista de ser soberano (Sec. XVI a XVIII).

Raymond Williams observa que a história moderna do sujeito reúne dois significados distintos: 1o) Ele é indivisível – unificado no seu próprio interior. 2o) Ele é singular – distintivo – único.

A reforma protestante, o humanismo renascentista, as revoluções científicas e o iluminismo, contribuíram para essa nova concepção.

Essa concepção de sujeito é contemplada por Descartes com o seu célebre cogito ergo sum – criando assim o sujeito cartesiano: racional, pensante, consciente, situado no centro do conhecimento. E por John Lock que em seu ensaio sobre a compreensão humana, criou a ideia de (mesmidade – sameness - de um ser racional)

**Conceituação:** “Mesmidade” – “eu mesmo” - diz respeito à identidade social do sujeito, conforme Paul Ricoeur (constituição genética); em junção à “ipseidade” (que se refere ao sujeito moral, autônomo, independente (constituição ética do sujeito), o que faz com que um ser seja ele próprio e não outro. Com a consciência da relação com o “outro” então surge a “alteridade”. (grifo meu)

Com o capitalismo surge então uma identidade contígua ao sujeito pensante, o sujeito ativo e passivo concomitantes, o indivíduo soberano.

A concepção de sujeito avança do indivíduo racional no séc. XVIII, ao social, moderno, visto dentro de uma estrutura. Essa concepção moderna é fruto da biologia darwiniana e das novas ciências sociais. Por um tempo permaneceu ainda a ideia do “indivíduo soberano”, o dualismo (matéria e mente – indivíduo e processos mentais, e indivíduo e sociedade). Mas a sociologia, por fim insere o indivíduo no processo coletivo e suas normas.

Esse processo sociológico interativo, produto da primeira metade do século XX, é interrompido pela alienação individual, própria da pós-modernidade. Exemplos disso são encontrados nas várias inscrições nos escritos de Baudrillard, Walter Benjamin e outros, mostrando o indivíduo perdido em meio à multidão na metrópole.

### Descentrando o sujeito

Se na modernidade as identidades são fragmentadas, na pós-modernidade são desagregadas e deslocadas. O impacto disso é o descentramento do sujeito cartesiano.

Cinco grandes avanços contribuíram para isso:

**1\*)** A redescoberta do pensamento marxista de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”. Ou seja, o indivíduo moderno se dá conta de que age sob condições criadas por outros e influenciadas por gerações anteriores. Assim se estabelece o deslocamento: **Agente individual** (Noção abstrata de homem no centro do sistema teórico) que interage com o **agente universal** (Relações sociais – modos de produção, exploração da força de trabalho e circuitos do capital) gerando uma revolução teórica total.

**2\*)** Descoberta do inconsciente por Freud. Sua teoria induz à crença de que nossa identidade, sexualidade e desejos são frutos de processos psíquicos. Diz-se “**não**” ao sujeito cognoscente racional, com identidade fixa – o sujeito cartesiano.

Como fruto dessa teoria outras leituras aparecem:

**a)** Jacques Lacan interpreta Freud, afirmando que a imagem do eu inteiro e unificado na criança é uma construção a partir não do “ser”, mas das relações com os outros. Uma construção difícil e gradativa. Daí a fase do espelho que também é metaforizada por Althusser ao descrever a operação da ideologia.

**b)** Louis Althusser usa também a fase do espelho (de Freud e Lacan), como metáfora para descrever a operação da ideologia. (Vide AIE – Aparelho Ideológico do Estado, em suas várias vertentes: religiosa, familiar, cultural, sindical, jurídica, política etc.). Essa ideologia centrada no pensamento de Freud é bastante questionada, mas prevalece no pensamento moderno.

**3\*)** O trabalho do lingüista estrutural Ferdinand Saussure, que trouxe à tona o fato de que a língua é um sistema sócio-cultural preexistente cujos significados se estabelecem por relações de similaridade. Por exemplo: o conceito de “noite” é associado ao de “dia”. Então aqui temos uma analogia entre língua e identidade. Eu sei que “eu” sou em relação com ao “outro” quem eu não posso ser. Um significado está sempre em relação de dependência com outros significados.

**4\*)** O trabalho do filósofo historiador francês Michel Foucault que destaca uma “genealogia do sujeito moderno”, submetido a um novo tipo de poder: o poder disciplinar. Este tem o objetivo de manter o indivíduo submetido às estruturas intelectualizadas, especialmente as das disciplinas das ciências sociais. Mas quanto mais coletiva a natureza das instituições, maior o isolamento, a vigilância e a individualização.

**5\*)** O impacto do feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social. O feminismo faz parte do movimento da década de sessenta que é marcado pelas revoluções ideológicas, políticas, estudantis etc. A década de sessenta culmina o ano de 1968, “o ano que não acabou”. Todos os movimentos desse período tinham uma ênfase e uma forma cultural fortes. Eles abraçaram o teatro da revolução. Isso constituiu a política de identidade. O feminismo questionou a noção de uma única identidade: “a humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual.

---

Essa concepção de sujeito é contemplada por Descartes com o seu célebre cogito ergo sum – criando assim o sujeito cartesiano: racional, pensante, consciente, situado no centro do conhecimento. E por John Lock que em seu ensaio sobre a compreensão humana, criou a idéia de (mesmidade – sameness - de um ser racional)

*Conceituação: “Mesmidade” – “eu mesmo” - diz respeito à identidade social do sujeito, conforme Paul Ricoeur (constituição genética); em junção à “ipseidade” (que se refere ao sujeito moral, autônomo, independente (constituição ética do sujeito), o que faz com que um ser seja ele próprio e não outro. Com a consciência da relação com o “outro” então surge a “alteridade”. (grifo meu)*

Com o capitalismo surge então uma identidade contígua ao sujeito pensante, o sujeito ativo e passivo concomitantes, o indivíduo soberano.

A concepção de sujeito avança do indivíduo racional no séc. XVIII, ao social, moderno, visto dentro de uma estrutura. Essa concepção moderna é fruto da biologia darwiniana e das novas ciências sociais. Por um tempo permaneceu ainda a idéia do “indivíduo soberano”, o dualismo (matéria e mente – indivíduo e processos mentais, e indivíduo e sociedade). Mas a sociologia, por fim insere o indivíduo no processo coletivo e suas normas.

Esse processo sociológico interativo, produto da primeira metade do século XX, é interrompido pela alienação individual, própria da pós-modernidade. Exemplos disso são encontrados nas várias inserções nos escritos de Baudelaire, Walter Benjamin e outros, mostrando o indivíduo perdido em meio à multidão na metrópole.

Descentrando o sujeito Se na modernidade as identidades são fragmentadas, na pós-modernidade são desagregadas e deslocadas. O impacto disso é o descentramento do sujeito cartesiano.

Cinco grandes avanços contribuíram para isso: 1o) A redescoberta do pensamento marxista de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”. Ou seja, o indivíduo moderno se dá conta de que age sob condições criadas por outros e influenciados por gerações anteriores. Assim se estabelece o deslocamento: Agente individual (Noção abstrata de homem no centro do sistema teórico) que interage com o agente universal (Relações sociais – modos de produção, exploração da força de trabalho e circuitos do capital) gerando uma revolução teórica total. 2o) Descoberta do inconsciente por Freud. Sua teoria induz à crença de que nossa identidade, sexualidade e desejos são frutos de processos psíquicos. Diz-se “não” ao sujeito cognoscente racional, com identidade fixa – o sujeito cartesiano.

Como fruto dessa teoria outras leituras aparecem: a) Jacques Lacan interpreta Freud, afirmando que a imagem do eu inteiro e unificado na criança é uma construção a partir não do “ser”, mas das relações com os outros. Uma construção difícil e gradativa. Daí a fase do espelho que também é metaforizada por Althusser ao descrever a operação da ideologia.

b) Louis Althusser usa também a fase do espelho (de Freud e Lacan), como metáfora para descrever a operação da ideologia. (Vide AIE – Aparelho Ideológico do Estado, em suas várias

vertentes: religiosa, familiar, cultural, sindical, jurídica, política etc.). Essa ideologia centrada no pensamento de Freud é bastante questionada, mas prevalece no pensamento moderno.

3o) O trabalho do lingüista estrutural Ferdinand Saussure, que trouxe à tona o fato de que a língua é um sistema sócio-cultural preexistente cujos significados se estabelecem por relações de similaridade. Por exemplo: o conceito de “noite” é associado ao de “dia”. Então aqui temos uma analogia entre língua e identidade. Eu sei que “eu” sou em relação com ao “outro” quem eu não posso ser. Um significado está sempre em relação de dependência com outros significados.

4o) O trabalho do filósofo historiador francês Michel Foucault que destaca uma “genealogia do sujeito moderno”, submisso a um novo tipo de poder: o poder disciplinar. Este tem o objetivo de manter o indivíduo submisso às estruturas intelectualizadas, especialmente as das disciplinas das ciências sociais. Mas quanto mais coletiva a natureza das instituições, maior o isolamento, a vigilância e a individualização.

5o) O impacto do feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social. O feminismo faz parte do movimento da década de sessenta que é marcado pelas revoluções ideológicas, políticas, estudantis etc. A década de sessenta culmina o ano de 1968, “o ano que não acabou”. Todos os movimentos desse período tinham uma ênfase e uma forma cultural fortes. Eles abraçaram o teatro da revolução. Isso constituiu a política de identidade. O feminismo questionou a noção de uma única identidade: “a humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual.

Assim o sujeito do iluminismo, visto como uma identidade fixa e estável, foi descentrado resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas do sujeito pós-moderno.

### 3. AS CULTURAS NACIONAIS COMO COMUNIDADES IMAGINADAS

Com o surgimento do sujeito fragmentado da modernidade tardia, nasce também uma identidade cultural nacional, marcada pela diversidade. Identidade esta fruto da representação, imaginada e significada no processo de interrelação e convívio com as diferenças culturais. Esta identidade cultural é fruto de constantes deslocamentos provocados pela globalização.

#### **Narrando a nação: Uma comunidade imaginada**

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições, mas de símbolos e representações. As narrativas obtidas na e da nação constroem o sentido da própria nação.

Benedict Anderson (Imagined Communities. Londres: Verso, 1983) *“argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas”*. **Dai a importância da narração.** Essa questão inclui cinco elementos principais:

**1\*)** A narrativa na nação, tal como é, é contada e recontada pelas gerações.

**2\*)** A ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade. Os feitos épicos podem continuar. Como disse a sr<sup>a</sup> Margaret Thatcher quando a Inglaterra invadiu as Malvinas: *“A Grã Bretanha não mudou”*.

**3\*)** A invenção da tradição, como é chamado por Hobsbawm e Ranger, refere-se a práticas que parecem antigas, mas é um produto de tradições mais recentes ou inventadas. Ex. a pompa da monarquia britânica.

**4\*)** O mito fundacional que localiza a origem da nação num passado tão distante a se perder de vista, enquanto tenta-se justificá-lo nas tradições inventadas. Por exemplo, a Blitz da II guerra, a priori significava a ordem comunitária, mas na verdade era uma desordem por tolher a liberdade. Dunquerque representou um triunfo, mas apontou um desastre. O rastafarianismo (negros de cabelos trançados de Kingston – Jamaica) é outro exemplo. Eles acreditam ser a própria babilônia ou uma das tribos perdidas de Israel.

**5\*)** Há também a idéia de um povo ou folk puro, original. Aqui é citado os ruritananos.

O discurso em prol de uma cultura nacional sempre existiu. O mesmo constrói identidades, postas de modo ambíguo. Ao mesmo tempo em que tenta resgatar o passado, constrói o futuro numa tentativa restauracionista, muitas vezes passando-se por cima de questões éticas imbricadas em realidades étnicas do presente que são postas de lado.

#### **Desconstruindo a “cultura nacional”: identidade e diferença:** A discussão anterior foi:

Como uma cultura nacional atua: **1\*)** como uma fonte de significados culturais; **2\*)** Como um foco de identificação; **3\*)** Como um sistema de representação. Esta seção volta-se para saber se as culturas e as identidades são unificadas.

Ernest Renann diz (1990 p.19) que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: **a)** A posse em comum de um rico legado de memórias; **b)** O desejo de viver em conjunto; **c)** A vontade de perpetuar, indivisiva, a herança.

A nação refere-se tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais nebuloso – a *natio* – uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento.

Há, porém, uma dúvida – se realmente a identidade nacional anula e subordina a diferença cultural.

\*A maioria das nações consiste de culturas separadas, só unificadas a custo de conquista violenta.

\*As nações são compostas de diferentes classes sociais, nos grupos étnicos e nos gêneros (associações mais masculinas que femininas).

As nações são marcadas pelas diferenças e unificadas por diferentes formas de poder cultural, portanto representadas como unificadas.

Porém há quem use a etnia como bengala para o mito fundacional, esquecendo-se que *“as nações modernas são todas híbridas culturais”*. (pg. 62) Também não há qualquer validade científica para que o aspecto biológico possa categorizar uma raça. *“As noções biológicas sobre raça (...) tem sido substituídas por definições culturais, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional. Mas isso não é fácil, especialmente por sabermos que as nações são formadas de sangue misto, compondo uma mistura indecifrável que dificulta a identidade nacional. O grande desafio hoje é: como costurar tantas diferenças numa única identidade?”*

---

Assim o sujeito do iluminismo, visto como uma identidade fixa e estável, foi descentrado resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas do sujeito pós-moderno.

### **3. AS CULTURAS NACIONAIS COMO COMUNIDADES IMAGINADAS**

Com o surgimento do sujeito fragmentado da modernidade tardia, nasce também uma identidade cultural nacional, marcada pela diversidade. Identidade esta fruto da representação, imaginada e significada no processo de interrelação e convívio com as diferenças culturais. Esta identidade cultural é fruto de constantes deslocamentos provocados pela globalização.

Narrando a nação: Uma comunidade imaginada As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições, mas de símbolos e representações. As narrativas obtidas na e da nação constroem o sentido da própria nação.

Benedict Anderson (Imagined communities. Londres: Verso, 1983) “argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas”. Daí a importância da narração. Essa questão inclui cinco elementos principais:

1o) A narrativa na nação, tal como é, é contada e recontada pelas gerações. 2o) A ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade. Os feitos épicos podem continuar. Como disse a sra Margaret Thatcher quando a Inglaterra invadiu as Malvinas: “A Grã Bretanha não mudou”.

3o) A invenção da tradição, como é chamado por Hobsbawn e Ranger, refere-se a práticas que parecem antigas, mas é um produto de tradições mais recentes ou inventadas. Ex. a pompa da monarquia britânica.

4o) O mito fundacional que localiza a origem da nação num passado tão distante a se perder de vista, enquanto tenta-se justificá-lo nas tradições inventadas. Por exemplo, a Blitz da II guerra, a priori significava a ordem comunitária, mas na verdade era uma desordem por tolher a liberdade. Dunquerque representou um triunfo, mas apontou um desastre. O rastafarianismo (negros de cabelos trançados de Kingston – Jamaica) é outro exemplo. Eles acreditam ser a própria babilônia ou uma das tribos perdidas de Israel.

5o) Há também a idéia de um povo ou folk puro, original. Aqui é citado os ruritananos. O discurso em prol de uma cultura nacional sempre existiu. O mesmo constrói identidades, postas de modo ambíguo. Ao mesmo tempo em que tenta resgatar o passado, constrói o futuro numa tentativa restauracionista, muitas vezes passando-se por cima de questões éticas imbricadas em realidades étnicas do presente que são postas de lado.

Desconstruindo a “cultura nacional”: identidade e diferença: A discussão anterior foi: Como uma cultura nacional atua: 1o) como uma fonte de significados culturais; 2o) Como um foco de identificação; 3o) Como um sistema de representação. Esta seção volta-se para saber se as culturas e as identidades são unificadas.

Ernest Renann diz (1990 p.19) que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: a) A posse em comum de um rico legado de memórias; b) O desejo de viver em conjunto; c) A vontade de perpetuar, indivisiva, a herança.

A nação refere-se tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais nebuloso – a natio – uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento.

Há, porém, uma dúvida – se realmente a identidade nacional anula e subordina a diferença cultural. \*A maioria das nações consiste de culturas separadas, só unificadas a custo de conquista violenta. \*As nações são compostas de diferentes classes sociais, nos grupos étnicos e nos gêneros (associações mais masculinas que femininas).

As nações são marcadas pelas diferenças e unificadas por diferentes formas de poder cultural, portanto representadas como unificadas.

Porém há quem use a etnia como bengala para o mito fundacional, esquecendo-se que “as nações modernas são todas híbridos culturais”. (pg. 62) Também não há qualquer validade científica para que o aspecto biológico possa categorizar uma raça. “As noções biológicas sobre raça (...) tem sido substituídas por definições culturais, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional. Mas isso não é fácil, especialmente por sabermos que as nações são formadas de sangue misto, compondo uma mistura indecifrável que dificulta a identidade nacional. O grande desafio hoje é: como costurar tantas diferenças numa única identidade?

#### 4. GLOBALIZAÇÃO

Como argumenta Mc Grew (1992) se refere aos processos numa escala global que conecta o mundo. Implica um distanciamento da ideia sociológica clássica de “sociedade”. Acredita-se que desde os anos 70 a globalização aumentou enormemente e trouxe três possíveis consequências: **1º)** Desintegração das identidades nacionais como fruto da homogeneização cultural; **2º)** Reforçamento das identidades pela resistência à globalização; **3º)** Declínio das identidades nacionais e surgimento de identidades híbridas.

##### Compressão espaço-tempo e identidade

A globalização tem feito com que o mundo se torne menor e as distâncias mais curtas. Os eventos tem tido impacto imediato a uma grande distância. “(...) tempo e espaço são também as coordenadas básicas de todo sistema de representação (...)” (pg. 70). As relações pós-modernas nos diversos meios de representação, quanto ao espaço, já eram preconizadas nos movimentos e deslocamentos de seu conteúdo, bem antes. A rapidez com que isso é feito cruzando-se e atingindo-se todo o espaço, é algo que Harvey chama de “destruição do espaço através do tempo” (pg. 73).

##### Em direção ao pós-moderno global?

Argumenta-se que há uma tendência de enfraquecimento das formas nacionais de identidade cultural. As identidades nacionais permanecem fortes, mas as locais são mais importantes, gerando inclusive deslocamento ou anulação daquelas. É impossível conservar intactas as identidades culturais com bombardeamento e infiltração midiática.

O mercado global confronta e apela para o consumismo com uma gama de diferentes identidades, utilizando-se do fenômeno da “homogeneização cultural”. A tensão, então, é entre o “global” e o “local” na transformação das identidades.

#### 5. O GLOBAL O LOCAL E O RETORNO DA ETNIA

Há uma preocupação com a homogeneização cultural. Mas pode se considerar três qualificações ou contratendências:

- 1) Tudo indica que há, juntamente, um fascínio pela diferença, associada à mercantilização da etnia e da “alteridade”. Um novo interesse pelo “local”, tendência de se produzir novas identificações “globais” e “locais”.
- 2) É um processo desigual e tem sua própria “geometria de poder”.
- 3) Corre-se o risco de desigualdade do poder cultural entre o ocidente e o “Resto”, de que a globalização seja um fenômeno apenas ocidental. Conforme Kevin Robins, “(...) o capitalismo global é na verdade um processo de ocidentalização (...)”.

No mundo todo hoje há um processo de migração contínua e de grande escala. Essa miscigenação étnica tem “trazido uma pluralização de culturas nacionais e de identidades nacionais”. (pg. 83).

Contextar e deslocar identidades é o grande efeito da globalização. Algumas identidades gravitam ao redor da **TRADIÇÃO**, no sentido da tentativa de recuperação, outras em torno da **TRADIÇÃO**, sujeitando-se ao plano da história e às interações.

#### 6. FUNDAMENTALISMO, DIÁSPORA E HIBRIDISMO

Algumas pessoas defendem o hibridismo e o sincretismo, mas há fortes tentativas em relação às identidades purificadas. Dois exemplos desta última tendência são o ressurgimento do nacionalismo na Europa oriental e o crescimento do fundamentalismo.

O forte revival do nacionalismo étnico tem implicado a tentativa de criação de novos estados-nação, porém, com um problema: há em suas fronteiras, minorias que se identificam com culturas e religiões diferentes. Quanto ao fundamentalismo, evidencia-se em toda parte. Alguns veem-no como uma reação ao caráter forçado da modernização ocidental, outros interpretam-no como uma reação ao exclusivismo em relação aos países do 3º mundo, fruto da globalização.

Essas duas tendências, na verdade, são consideradas surpresas e inesperadas.

---

## 4. GLOBALIZAÇÃO

Como argumenta Mc Grew (1992) se refere aos processos numa escala global que conecta o mundo. Implica um distanciamento da ideia sociológica clássica de “sociedade”. Acredita-se que desde os anos 70 a globalização aumentou enormemente e trouxe três possíveis conseqüências: 1a) Desintegração das identidades nacionais como fruto da homogeneização cultural; 2a) Reforçamento das identidades pela resistência à globalização; 3a) Declínio das identidades nacionais e surgimento de identidades híbridas.

Compressão espaço-tempo e identidade A globalização tem feito com que o mundo se torne menor e as distâncias mais curtas. Os eventos tem tido impacto imediato a uma grande distância. “(...) tempo e espaço são também as coordenadas básicas de todo sistema de representação (...)” (pg. 70). As relações pós-modernas nos diversos meios de representação, quanto ao espaço, já eram preconizadas nos movimentos e deslocamentos de seu conteúdo, bem antes. A rapidez com que isso é feito cruzando-se e atingindo-se todo o espaço, é algo que Harvey chama de “destruição do espaço através do tempo” (pg. 73).

Em direção ao pós-moderno global? Argumenta-se que há uma tendência de enfraquecimento das formas nacionais de identidade cultural. As identidades nacionais permanecem fortes, mas as locais são mais importantes, gerando inclusive deslocamento ou anulação daquelas. É impossível conservar intactas as identidades culturais com bombardeamento e infiltração midiática.

O mercado global confronta e apela para o consumismo com uma gama de diferentes identidades, utilizando-se do fenômeno da “homogeneização cultural”. A tensão, então, é entre o “global” e o “local” na transformação das identidades.

5. O GLOBAL O LOCAL E O RETORNO DA ETNIA Há uma preocupação com a homogeneização cultural. Mas pode se considerar três qualificações ou contratendências:

1) Tudo indica que há, juntamente, um fascínio pela diferença, associada à mercantilização da etnia e da “alteridade”. Um novo interesse pelo “local”, tendência de se produzir novas identificações “globais” e “locais”.

2) É um processo desigual e tem sua própria “geometria de poder”. 3) Corre-se o risco face às desigualdes do poder cultural entre o ocidente e o “Resto”, de que a globalização seja um fenômeno apenas ocidental. Conforme Kevin Robins, “(...) o capitalismo global é na verdade um processo de ocidentalização (...).

No mundo todo hoje há um processo de migração contínua e de grande escala. Essa miscigenação étnica tem “trazido uma pluralização de culturas nacionais e de identidades nacionais”. (pg. 83).

Contestar e deslocar identidades é o grande efeito da globalização. Algumas identidades gravitam ao redor da TRADIÇÃO, no sentido da tentativa de recuperação, outras em torno da TRADUÇÃO, sujeitando-se ao plano da história e às interações.

6. FUNDAMENTALISMO, DIÁSPORA E HIBRIDISMO Algumas pessoas defendem o hibridismo e o sincretismo, mas há fortes tentativas em relação às identidades purificadas. Dois exemplos

desta última tendência são o ressurgimento do nacionalismo na Europa oriental e o crescimento do fundamentalismo.

O forte revival do nacionalismo étnico tem implicado a tentativa de criação de novos estados-nação, porém, com um problema: há em suas fronteiras, minorias que se identificam com culturas e religiões diferentes. Quanto ao fundamentalismo, evidencia-se em toda parte. Alguns veem-no como uma reação ao caráter forçado da modernização ocidental, outros interpretam-no como uma reação ao exclusivismo em relação aos países do 3o mundo, fruto da globalização.

Essas duas tendências, na verdade, são consideradas surpreendentes e inesperadas.